

DE CALIBAN A PRÓSPERO - UMA “MEMÓRIA CONSENTIDA”

Ana Cristina DIAS¹

Resumo: Caliban investiu Próspero, amaldiçoou-o por lhe ter ensinado a língua. “Caliban” foi o nome da revista literária que em Moçambique se publicou em 1971. Pouco tempo depois, Rui Knopfli, um dos coordenadores dessa publicação dá à estampa “A Ilha de Próspero”, título que não deixava de ser uma irónica provocação à ladainha oficial dos poderes então instituídos. “O Escriba Acocorado”, é o primeiro livro deste moçambicano publicado na diáspora e a ela se refere de modo ambíguo, por não sabermos se é ao destino europeu que se refere, ou a outras (novas e dolorosas) vivências moçambicanas que quer aludir. É ou não a poesia de Knopfli parte integrante da literatura moçambicana? E onde situá-la? Poderemos nós dizer que a língua portuguesa é uma das pátrias do nosso texto, para parafrasear/ desarrumando a célebre frase de Pessoa? Nisto de literaturas e de “moçambicanidade” parece-me que as vozes da diáspora têm, ainda que no seu mutismo de ausência, uma palavra a dizer.

Palavras-chave: Diáspora; Moçambique; Knopfli; Poesia; Literatura Pós-colonial; Língua.

A falar me ensinaste, em verdade.
Minha vantagem nisso, é ter ficado
A saber como amaldiçoar.
Shakespeare, *A Tempestade*.

[...]
Tenho duas línguas
Uma para mentir, outra para ser enganado
Qual delas é o português?
Já não me lembro, respondeu...
Mia Couto, *Idades, Cidades e Divindades*.

As literaturas africanas emergem numa situação de alteridade bem mais profunda do que aquela que é própria do fenómeno literário, em si – fruto de um processo discursivo - porque resultado irremediável numa situação de conflito.

Começaremos por admitir – e o diagnóstico é vulgar – a evidência de duas culturas face a face e em jogo: de um lado a dinâmica cultural europeia, o poderoso lastro da sua herança literária e , de outro, a realidade do negro e das suas tradições, a sua condição particular de homem novo, num continente novo, lutando, na teia da opressão por reencontrar uma individualidade tão desfigurada ao longo dos tempos.

Entre estes dois mundos vai estabelecer-se uma subtil e complexa teia de relações; de dilacerações e fracturas ainda, algumas, irresolúveis.

Como Caliban, é de Próspero que o africano recebe a língua e, se através dela aprende a nomear o sol, a lua, a água, a realidade circundante, em suma, por ela descobre também a magia da blasfémia e o anátema da sua condição. A sua revolta

¹ Universidade de Macau.

vai desaguar e corporizar-se em estranhos sons de uma língua estranha. É nesta zona, obscura e indeterminada, que ele tateia o futuro e procura articular a sua voz.

Muito tempo decorrerá antes que isso aconteça.

A literatura de um país é inseparável da sua história, ambas se complementam e se enriquecem. Assim, as literaturas africanas, aquelas que se exprimem na língua da colonização e cuja emergência está ligada ao urbanismo, identificam-se, desde o seu começo, com a reivindicação sócio-política que, silenciosamente, alimentava os anseios de uma independência que não era possível adiar.

Em Moçambique, as manifestações literárias, na então colónia, não eram, na década de 40, mais do que o prolongamento anémico de estilos e hábitos metropolitanos, ainda quando incidiam sobre a realidade circundante, e raramente excediam o relato superficial de um exotismo de fachada. Era o tempo dos “batuques sensuais”, dos “poentes cor de fogo”, e das “palmeiras esguias e ondulantes”. É a África das ilustrações exibindo um negro mais decorativo do que ser humano.

Contra este marasmo, a voz de Orlando Mendes fez escutar o seu desacordo nos “Cinco Poemas do Mar Índico”, publicados pela Seara Nova em Abril de 1947. Por eles, os contornos da realidade moçambicana, emprestavam, enfim, autenticidade a um discurso literário.

O apelo de Orlando Mendes, a importância da sua obra e sobretudo as propostas que ela sugeria, foram o elemento dinamizador e aglutinador da geração intelectual que amadureceu ao longo da década de 50.

A ela pertenceram, ou estiveram ligados de uma forma ou de outra, José Craveirinha, Noémia de Sousa, Alberto Lacerda, Rui Nogar, Rui Knopfli, Fernando e José Gil, o arquitecto Pancho Miranda Guedes, o pintor António Bronze e o cineasta Ruy Guerra, celebrizado pelo “cinema novo” brasileiro.

Convém lembrar que este grupo se define após o rescaldo da Segunda Guerra Mundial, e que herdeiro dos “modernismos” português e brasileiro, se determina agora sob a influência do “neo-realismo”.

À medida que o círculo encabeçado por Fonseca do Amaral se alargava, a vida literária moçambicana conhecia outros caminhos e outros nomes: os talentos de Reinaldo Ferreira – poeta verdadeiramente original e único no panorama da literatura em Moçambique, Nuno Bermudes, Eugénio Lisboa, Duarte Galvão, e outros.

Algumas publicações vão aparecendo, entretanto. A esquerda literária reúne-se à volta do “Itinerário”. Manuel Barreto e Vítor Evaristo editam a série de cadernos culturais “Moçambicana” e “Msaho”, tentativa, logo lograda, de editar uma folha periódica de poesia.

A intensa vida cultural que marcara a passagem dos anos 40 para os da década seguinte, estava agora comprometida pelo ambiente hostil a manifestações de tal sorte. A guerra-fria fazia-se sentir junto de nós, e o gelo do seu bafo...

Ao romper dos anos 60 “A Voz de Moçambique” que retomara o “Itinerário” e “Moçambicana”, divulgava algumas das vozes mais significativas da poesia moçambicana, veiculando umas e revelando outras. Experiência aberta a todos os quadrantes, das mais desconhecidas origens e fronteiras culturais, ali se inscreveram alguns dos nossos melhores nomes; na ficção Alexandre Lobato, Carneiro Gonçalves, Luís Bernardo Honwana e na poesia, a voz aquática e dolorida de Glória de Sant’Ana, a ousadia formal de Grabato Dias, o verso rico de Sebastião Alba e as novas modulações de Craveirinha.

A revista Caliban que em 1971 se publica em Moçambique, sob a coordenação de Rui Knopfli e João Pedro Grabato Dias (nome literário do pintor António

Quadros), dará a conhecer grandes nomes da moderna poesia portuguesa como Jorge de Sena, Herberto Helder, António Ramos Rosa, e outras meditações poéticas como as de Eliot, as do polaco Zbigniew Herbert, ambas em tradução cuidadosa de Rui Knopfli.

Iniciada em 1971, com o ameaçador nome de Caliban, a revista viu o seu último número duplo (¾) em Julho de 72.

Este bosquejo, linear e esquemático, pretende apenas dar conta da existência de valores e obras assinaláveis que, embora não engendrem, por si só, uma literatura diferenciada, apontam sim, para uma generosa e heterodoxa diversidade de percursos que fazem a sua maior e mais genuína riqueza.

O empenhamento que esta geração (a que pertence Rui Knopfli) terá posto na procura de uma literatura própria, marcou, por certo, o seu futuro.

Nascido a 10 de Agosto de 1932 no País dos Outros, título da sua primeira obra, publicada em 1959, Rui Knopfli vive em Lourenço Marques (com uma curta passagem por Joanesburgo onde estuda três anos) até 1975, ano em que parte para Portugal. Segue-se Londres, onde durante vinte e dois anos foi adido de imprensa da Embaixada de Portugal. Morre em Lisboa, na sua casa de Miraflores, no dia de Natal de 1997.

Poeta do quotidiano e dos seus desassossegos, trabalhando “dura e dificilmente a madeira rija dos seus versos”, Rui Knopfli é, sem dúvida e civilmente, um escritor moçambicano. Disso se reclama, logo na sua primeira obra:

Europeu, me dizem
Eivam-me de literatura e doutrina
Europeias
E europeu me chamam
...
É provável... Não. É certo,
Mas Africano sou.
(in, O País dos Outros, 1959)

Africano que vê a beleza dos rios da velha Europa fluir sem mistério, porque

Todo o mistério reside nos rios
Da minha terra.
...
O nome melodioso dos rios da minha terra
Uanéteze, Mazimchopes
Massitonto e Sábié
...
A estranha beleza das suas histórias
E das suas gentes altivas sofrendo
E lutando nas margens do pão
E da fome.
(in, Reino Submarino, 1962)

Numa toada “ufanista” que tanto deve à tradição brasileira de um Manuel Bandeira, como à influência de Withman, o poema “Hidrografia” tem a força de um canto das origens: a sonora majestade do Zambeze, do Umbéluzi, Lúrio ou Incomati, rios que emolduraram e glorificaram a sua infância, a sua formação inicial e definitiva.

Mundo do grande espaço, da liberdade de uma infância “a canivete repartida / no largo semicírculo da amizade”, é o das suas Mangas Verdes com Sal, obra da maturidade do poeta, publicada em 1969.

No exercício de memória, que a sua obra usou até ao cansaço, e que não o salvou da perda do lugar mágico, é o “sabor acre” das mangas verdes com sal, que

Insinuante, retorna devagar
Ao palato amargo, à boca ardida,
À crista do tempo, ao meio da vida.

(*in*, Mangas Verdes com Sal, 1969)

Entre Reino Submarino e Mangas Verdes com Sal, a Máquina de Areia (1964), pressagia na lucidez da sua “Certidão de Óbito”:

Um tempo de lanças nuas
A espera[r] por nós...

É depois do presságio, que Rui Knopfli aporta à Ilha de Próspero (1972), um dos seus mais belos livros, “um dos mais belos livros escritos em língua portuguesa”, dirá Manuel Alegre.

Tive a honra, a felicidade também, de acompanhar, ainda muito jovem, o nascimento da Ilha de Próspero, porque foi da minha casa, em Nampula, que Knopfli rumou para essa Ilha, sempre em companhia do meu pai, junto de quem, a acreditar na sinceridade da dedicatória do seu livro, aprendeu a conhecê-la e a amá-la.

Livro de poemas e de fotografias, é através da imagem, que é sonho, sentido ou memória, que Rui Knopfli propõe o itinerário.

Neste lugar de ninguém, cruzado de muçulmanos, hindus, macuas e cristãos, em cujo nome ecoa a lembrança moura dos xeques Mussá e Ambique, deixamos a Fortaleza “mergulhar no mar/ os cansados flancos”, S. Paulo, “povoado de sombras e fantasmas”, a Senhora do Baluarte e o Terraço da Misericórdia, onde “sombras salmodiam tristemente versículos do Corão”, e retomamos as ruas vagarosas, caminhos sempre abertos ao mar, onde pescadores da Ponta da Ilha se cruzam com pedreiros de Diu, e, a penumbra de um café, acolhe três funcionários públicos, dois empregados comerciais e “um arabista que traduz do francês um texto urdu”.

Caliban e Próspero finalmente reconciliados.

Sobre todos eles, zela, paciente e poderoso, o Cristo Mouro da Cabaceira, o Deus maior da Mesquita Grande:

Só ALAH é grande e Maomé o seu profeta.

Quase toda a obra de Rui Knopfli se escreveu em Moçambique e sobre Moçambique. O Escriba Acocorado é o primeiro livro deste moçambicano publicado na diáspora e que a ela se refere de modo ambíguo, por não sabermos se é ao destino

européu que se refere, ou a outras – novas e dolorosas – vivências moçambicanas que quer aludir.

Nos desconcertos do mundo, que constitui um dos grandes temas de O Escriba Acocorado e onde se combinam todos os sofrimentos da humanidade milenária, vê, Luís de Sousa Rebelo, “a estrutura e a ordem de um poema épico”. Assim, à perda das areias, das águas e dos rios conhecidos, ao “ufanismo” de outrora, canto inocente da infância perdida, impõe-se agora “a consciência da única continuidade sólida na trajectória do seu próprio ser”¹:

... Pátria é só a língua em que me escrevo...

De uma profunda tristeza, O Escriba Acocorado é o livro de estreia da sua morte, da diáspora confessada, da maldição da sua errância:

Uma última vez percorro a cidade no dia
Em que começa a minha morte...

....

Aqui deixo os mortos que me pertencem e os vivos
Com que me reparto
... Sigo ao sabor da corrente
um destroço à tona de água.

...

Só meu coração bate contra a pedra e o silêncio

...

Errarei o resto dos meus dias através
De paragens inóspitas, levando comigo a vaga
Lembrança de um aceso país povoado de gentes,
Coisas e lugares perdidos e sem rosto.

...

Pai, entre os torpes,
Fumegantes destroços do Império, teu filho esconde
O rosto e esgueira-se furtivo pelas malhas da
Diáspora.

Seguem-se O Corpo de Atena, em 1984, e treze anos depois, retomando o “trajecto sangrento das acácias”, Rui Knopfli dá-nos o seu último livro: O Monhé das Cobras (1997) – figura da sua infância nesse longínquo jardim de Lourenço Marques.

Obra testamentária, de “leitura obrigatória”, segundo Craveirinha, é o anúncio da partida do poeta, o adeus de quem, cansado, espera o “sono definitivo pelo fogo purificador”.

O “Cair do Pano”.

É Dezembro

A encurtar o tempo, o pouco que nos resta.

Rui Knopfli, foi poeta, tradutor, jornalista, crítico literário e musical.

A sua poesia “magra, angulosa”, “junto ao osso”, para usar a expressão de T.S. Eliot, é singular e inclassificável.

A questão da Literatura Moçambicana e o lugar que nela ocupa a obra de Rui Knopfli, diz Eugénio Lisboa, longe de esclarecer, contribuiu para a confusão que em torno dela se criou, impedindo que se visse o que novo ela trazia.*2

De extraterritorialidade se falou (um lugar “onde”- Moçambique, e a Europa – horizonte espiritual a integrar) , de divisão...

Mas que serão literaturas nacionais? A confirmação de uma identidade nacional? Ou, pelo contrário, literaturas com uma identidade híbrida, ambivalentes, diferenciadas e múltiplas, já que uma identidade pura é uma ficção?

Dessa “hibridez” ou “mestiçagem”, fez José Craveirinha uma bandeira, na Elegia a seu Pai: Juro, Pai, que em mim ficaram laivos/ do luso-arábico Aljezur da tua infância... E Ibéricas heranças de fados e broas/ se africanizaram para a eternidade nas minhas veias... . Mas a troca é nos dois sentidos... : e o teu sangue se moçambicanizou.../ Meu resgatado primeiro Ex-português/ numero UM Craveirinha moçambicano! “*3

De todos os lados, todos fomos tocados, é uma impregnação profunda – e fecunda- de duas culturas, duas atmosferas, e duas vivências e nenhuma delas pode ou deve ser rejeitada. Esta divisão é um facto, é um dado de vida.

“O outro não está fora do próprio, o outro faz parte do nosso sistema cultural. A diferença não é divisão/ separação, mas caminho”, diz Homi-Bhabha*4.

António Jacinto, poeta angolano, sintetizou admiravelmente esse caminho, nascido da diferença, que em nós está:

O meu cavalo sou eu branco
Montado em mim preto
A cavalgar pela vida.

As literaturas africanas, mais não são, observa Salvato Trigo*5, do que a emergência da voz dos Outros – do colonizado e do africanizado, empenhados em conquistar a dignidade individual e social.

É ou não a poesia de Rui Knopfli parte integrante da literatura moçambicana? E onde a podemos situar?

“Disparates Seus no Índico” é menos moçambicano do que um poema de Eduardo White, de Nelson Saúte ou de Mia Couto?

Encontramos referências das mais jovens gerações moçambicanas à poesia de Rui Knopfli, mesmo em práticas de reescrita: Eduardo White publica em 1989 O País de Mim, dialogando com o País dos Outros, escrito 30 anos antes. Luís Carlos Patraquim reinventa o percurso da Ilha de Próspero em Muipíti. Na homenagem póstuma a Knopfli, Nelson Saúte, exprime com afecto e sinceridade, o seu lugar “central e incontornável” na lírica moçambicana: “Tu és um dos fundadores e um dos maiores poetas de Moçambique. Me desinteressa o que dizem os néscios. Eles não sabem do que falam.”.

Feliz reconhecimento o da pertença a um lugar que vai além de um limite puramente físico, lugar que sintetiza todo o percurso cultural e pessoal de um poeta que escreveu, sentindo-o e exprimindo-o, dizendo-se. Lugar que é aqui ou na diáspora, lugar que pertence a Rui Knopfli, a Nogar ou a Noémia de Sousa, ausente mais de 40 anos... Lugar que deixa espaço para acontecer (ou não) a vida.

“Diáspora” é uma palavra com peso, propiciadora de um debate sobre a historicidade da literatura moçambicana – porque, já agora, que diásporas somos no interior desta geografia de 800.000 Km²? Que geografias nos definem? As vozes, até agora silenciosas da diáspora, têm uma palavra a dizer.

Pátria é só a língua em que me escrevo...

Face a um mapa viciado mas insuperável, por mim, atendo-me à língua – esse “denominador comum” – como lhe chamou Rui Knopfli, para aquilatar num texto, o meio que ela é de exprimir um ser individual e colectivo, para lá da sua histórica circunstância.

No fundo, a pergunta será a de até que ponto “ortodoxos” critérios políticos falsearão uma história da literatura a fazer-se? Ou, resumindo:

- Até onde Caliban pode amaldiçoar Próspero, se “a ilha está cheia de vozes e outras vozes nos interceptam”?

Cansado de tantas pátrias, de pátrias
Rejeitado, na pátria indesejado...

Morreu triste o poeta que sabia que fatal é só ter Pátria na Infância. Depois a vida não sucede mais.

Bibliografia

- CRAVEIRINHA, José. *Karingana ua Karingana*, INLD, Maputo, 1982.
HOMI-BHABHA. *The Location of Culture*, London, Routledge, 1994.
LISBOA, Eugénio. in *Prefácio de mangas Verdes com Sal*, Lourenço Marques, 1969.
SALVATO, Trigo. *Ensaio de Literatura Comparada Afro-Luso-Brasileira*, Ed. Vega, Lisboa, sd.
SHAKESPEARE, William. *A Tempestade*. Ed. Campo de Letras, 2001.
SOUSA REBELO, Luís de. in *Memória Consentida de Rui Knopfli*, INCM, Lisboa, 1982.

Obras de Rui Knopfli:

- O País dos Outros, 1959
- Reino Submarino, 1962
- Máquina de Areia, 1964
- Mangas Verdes com Sal, 1969
- Ilha de Próspero, 1972
- O Escriba Acocorado, 1978
- Memória Consentida – Vinte Anos de Poesia 1959-1979
- O Corpo de Atena, 1984
- O Monhé das Cobras, 1997